

RESENHA

Ivo Tonet*

Livro: O declínio do marxismo e a herança hegeliana. Lucio Colletti e o debate italiano (1945-1991).

Autor: Orlando Tambosi

Se não nos falha o entendimento, o objetivo do autor é demonstrar, acompanhando a trajetória de Lucio Colletti, inserida no contexto da história italiana, a falência do ideário marxiano.

Sua linha de raciocínio é clara: Há uma insuprimível vinculação do pensamento marxiano com a dialética hegeliana. Ora, para a dialética, o conceito de contradição é essencial. E, na concepção marxiana, isto significa que a contradição é algo que existe na própria realidade e não apenas no discurso. A vinculação de Marx com Hegel também fica clara na absorção, pelo primeiro, da problemática da alienação. Com isto, é introduzida, no fazer científico, uma determinação valorativa, que seria totalmente estranha à ciência.

O livro de Tambosi é interessante por vários motivos. Mas, especialmente porque, ao nosso ver, ele atinge exatamente o objetivo oposto ao pretendido pelo autor. Em vez de demonstrar a falência do marxismo, ele põe a nu a trajetória de muitos intelectuais marxistas que, precisamente por não terem compreendido a natureza essencial do pensamento de Marx, acabaram passando, com armas e bagagens, para o lado do capital.

Não é nosso objetivo, neste breve texto, fazer um exame detalhado das idéias do autor. Pretendemos apenas apontar algumas questões que revelam não a falência do ideário marxiano, mas um caso típico de extravio de intelectuais marxistas.

Na verdade, ao contrário do que pensa o autor, a trajetória de Colletti não é o caminho da descoberta da falência do marxismo. É, antes, a expressão de um processo que vai da incompreensão da natureza mais profunda e específica do pensamento marxiano ao desfibramento cada vez maior deste ideário até desembocar na completa rendição à perspectiva do capital.

Não há como não concordar com o autor: a relação de Marx com Hegel é a pedra-de-toque da interpretação do pensamento marxiano. Na ótica do autor, é exatamente o fato de Marx manter-se estreitamente vinculado a Hegel, assumindo as categorias da contradição e da alienação, que impossibilita ao marxismo adquirir um caráter científico.

* Prof. do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas

Admitindo-se que a crítica collettiana fosse verdadeira, o que seria de esperar? Que houvesse a descoberta ou pelo menos a indicação de caminhos que apontassem no sentido de um conhecimento e de uma ação voltados para a construção de uma sociedade realmente emancipada. Ou, então, para a demonstração da absoluta inviabilidade desta proposta. Ao contrário disto, as conclusões collettianas, apresentadas e subscritas por Tambosi, em ambas as questões, são um tremendo retrocesso.

Em suas Considerações Finais, referindo-se ao utopismo dos anos 60, o autor diz o seguinte: “Na Itália, Colletti percebera isto, afastando-se da política partidária: um afastamento em função de questões epistemológicas (e, logo, filosóficas). A outra alternativa seria dar as costas ao conhecimento em favor de questões político-ideológicas. Colletti, portanto, preferiu o rigor e a coerência, propugnando uma cultura crítica e racionalista, isto é, anti-ideológica (sem utopismo). A idéia de uma sociedade perfeita (sic) – vislumbrada pelo marxismo – não era mais que miragem religiosa. A saída: “reformular” a sociedade, tendo sempre em mente que, tão logo resolvido um problema, milhares de outros surgirão, e que essa obra de melhoramento, ajustes e reconstruções é infundável” (p. 347).

E conclui: “A sociedade moderna – conclui Colletti – experimentou no curso da sua história dois modelos alternativos: o “liberalismo clássico” e a “planificação centralizada”. Agora empenha-se na tentativa de um equilíbrio entre os dois sistemas, “de modo a corrigir as distorções de um com os remédios que oferece o outro, tentando harmonizar entre si ‘programação’ e ‘mercado’. Fora disso, só a ilusão religiosa, a expectativa do ‘milênio’, por parte dos que “ainda crêem que possa ocorrer ‘a’ solução ‘definitiva’, o fim de todos os males, a superação de todas as dificuldades. Ou, em suma, que possa existir a ‘salvação”. Aos que ainda crêem no Absoluto, o programa talvez pareça insuficiente; para homens críticos, porém, constitui a única saída: é mais um passo no processo de *Entzauberung*”.

Bastaria comentar estes dois trechos para mostrar a quantidade de insanidades e absurdos que um “homem crítico” pode dizer sem corar. Creio que, tanto o meu livro *Democracia ou Liberdade?*(Maceió: Edufal, 1997), como minha tese de doutorado (a ser publicada em breve pela editora HD), intitulada *Educação, Cidadania e Emancipação humana*, bem como o meu livro *Sobre o Socialismo*, já no prelo pela editora HD, são uma resposta suficiente a este acúmulo de barbaridades.

De acordo com Colletti/Tambosi – que nisto nada mais fazem do que repetir os argumentos de K. Popper – a dialética hegeliana é uma forma de metafísica e, como toda metafísica, inteiramente imprestável para produzir conhecimento científico. Marx simplesmente teria invertido os termos: em lugar do Espírito, a Matéria; em lugar do Sujeito Absoluto, o Sujeito Proletariado.

Daí a “brilhante” constatação de Tambosi. Referindo-se às críticas a Colletti, diz ele: “Críticas e ataques à parte, é inegável que, através de sua análise da herança hegeliana, Colletti prefigurou teoricamente o desfecho do marxismo. No final dos anos 80, Gorbachev, o derradeiro dirigente da URSS, reconheceria a falência dessa perspectiva. A velha crise do marxismo agora revelava-se definitiva: ele não previra nem compreendia a modernização capitalista, o florescimento dos direitos individuais e da cidadania e o declínio do mundo do trabalho, com seu tradicional discurso de classe. Eram novidades que levariam, por exemplo, o PCI a tornar-se PDS e a aproximar-se, cada vez mais, de uma perspectiva social-democrática – sempre recusada” (p. 345-346).

Tudo somado, tem-se que o marxismo e a sua realização prática, o socialismo, fracassaram. Não há mais utopias, ideologias, classes sociais, nem contradições no seio da sociedade. Estamos caminhando para o melhor dos mundos possíveis, o mundo social-democrata. Como, porém, os fatos não parecem sustentar tal afirmação, só se pode dizer: tanto pior para eles.

Mas, evidentemente, Colletti/Tambosi não iriam reconhecer que tomaram o partido do capital contra o trabalho. Isto implicaria admitir que ainda existe esta contradição e que subsistem as classes sociais. Colletti/Tambosi descobrem a quadratura do círculo: entre o “liberalismo clássico” (vulgo capitalismo puro e simples) e a “planificação centralizada” (para eles, sinônimo de socialismo), eles optam, com a “sociedade moderna” (O que seria isto?), por construir um sistema que incorpore o que haveria de melhor no capitalismo e no socialismo. Tal é a ridícula concepção de história deles. Ora, se existe algo de arbitrário, especulativo, metafísico, a-histórico, utópico e absolutamente impossível é exatamente isto: construir uma autêntica comunidade humana somando “o que há de bom” em cada sistema social e, especialmente, sobre a base do capital. Desde quando a história é feita desta maneira? Trata-se de um puro ato de vontade, inteiramente inócuo! E se o paradigma de ciência, que eles contrapõem à dialética, tem este resultado, então há algo de profundamente errado com esta idéia de ciência. (Vide: *Ciência: quando o diálogo é impossível*. In: *Democracia ou Liberdade?*, op. cit.).

Será casual que a crítica a Hegel e a Marx desemboque na defesa da perpetuação (que outro nome teria esta reforma?) da ordem social capitalista? Aparentemente, a proposta de uma reforma desta ordem social seria o caminho que evitaria tanto o utopismo quanto a aceitação pura e simples do atual estado de coisas. Mas, a que assistimos, de fato, no momento atual? De um lado, em vez de ao “florescimento dos direitos individuais e da cidadania”, à intensificação, cada vez maior, das características mais perversas do capitalismo e, com isto, à supressão daqueles direitos e, de outro, à mais completa degradação e

reacionarização dos partidos comunistas. (Ou será a social-democracia algo mais do que uma forma histórica de reprodução do capital?).

Como dissemos antes, o giro de Colletti é o mesmo, ressalvadas as especificidades do trabalho intelectual, dos partidos comunistas. Em ambos os casos, o percurso não vai do erro (acreditar no marxismo como ciência e na possibilidade do socialismo) à verdade (identificação do erro e descoberta do verdadeiro caminho científico e das reais possibilidades de transformação do mundo), mas de um erro a outro. Ou seja, no primeiro momento, a concepção de marxismo, da qual eles partilhavam, era, de modo geral, a da II Internacional. (Não por acaso, a concepção do “novo” Colletti acerca da ciência é idêntica àquela reivindicada por Bernstein, ou seja, a de uma ciência neutra). Esta concepção era um amontoado inconseqüente de materialismo mecanicista, de positivismo, de empirismo e de idealismo. É no interior desta “mélange” que se discute a relação Marx-Hegel e se vê a problemática da contradição e da alienação. O problema decisivo, não percebido, dada a incompreensão da natureza essencial do pensamento de Marx, é que toda a problemática era enfocada sob um prisma gnoseológico (que, também não por acaso, tem em Kant o seu expoente maior) e não ontológico. O marxismo da II Internacional, que se tornou a versão dominante e veio depois a se transformar na caricatura stalinista, nada mais era do que uma variante do pensamento burguês em decadência. É isto que Colletti e muitíssimos outros marxistas abandonaram. E com razão! Só que isto nada tinha a ver com o genuíno pensamento de Marx. Este é de outra ordem.

Porém, e aí entra o segundo momento, o segundo erro. Em vez de buscar resgatar a natureza essencial do pensamento de Marx; em vez de buscar identificar aquilo que lhe confere um caráter radicalmente crítico, aquilo que lhe permite estabelecer uma ruptura pela raiz com a tradição filosófico-científica ocidental, eles deram um passo atrás, assumindo a perspectiva da subjetividade (típica do pensamento burguês moderno e da qual Kant é o expoente maior). Por sua vez, o pretensamente chamado “criticismo” popperiano (Não por acaso, outro autor caro a Colletti/Tambosi) é a expressão, para o momento atual, desta perspectiva, em que a ênfase discursiva na crítica é exatamente a manifestação da completa perda do espírito crítico. Vale dizer, enquanto Marx se situa numa perspectiva ontológica, o giro de Colletti e destes outros marxistas significou a impostação de toda a problemática, tanto do conhecimento como da ação, numa perspectiva gnoseológica.

A rejeição dos conceitos de contradição e de alienação é inteiramente coerente dentro da perspectiva epistemologista kantiano-popperiana. Como também é coerente o abandono da perspectiva de superação revolucionária da sociabilidade regida pelo capital em favor de reformas desta mesma sociabilidade. Mas, para isso, a violência e o falseamento que

se tem que praticar – teórica e praticamente (vejam-se os apoios oferecidos pelos ex-comunistas às políticas burguesas e imperialistas) – são inauditos.

Ao nosso ver, a superação do marxismo da II Internacional passa pela identificação do caráter ontológico do pensamento de Marx. (De novo, não é por acaso que a obra do autor que mais se empenhou nisto – G. Lukács – é conhecida apenas até *História e Consciência de Classe*, sendo praticamente desconhecida a elaboração da Ontologia do Ser Social – em que ele se dedica expressamente a esta tarefa). Ora, na medida em que este pensamento – de Marx – for tomado como uma ontologia (histórico-social e não metafísica) do ser social, toda a concepção acerca da realidade e do conhecimento muda profundamente. E, no seu interior, tanto a categoria da contradição como a da alienação perdem o seu matiz gnoseológico para situar-se, com plena coerência, na processualidade do real. E mais, fica firmemente estabelecida, não como uma exigência política, mas como uma necessidade ontológica, a relação, indissolúvel, entre ser e dever-ser, entre a natureza da realidade social (no caso, capitalista) e a perspectiva revolucionária.

É evidente que não podemos expor, aqui, esta concepção ontológica do marxismo. Mas, na suposição da boa intenção e de que qualquer crítica implica conhecimento de causa, sugerimos algumas leituras neste sentido. Em primeiro lugar, as obras da maturidade de Lukács, especialmente sua *Ontologia do ser Social* e os *Prolegômenos*. Em seguida, as obras de I. Mészáros, principalmente *Beyond Capital* e *Marx: A teoria da alienação*. Além disso, de J. Chasin, sugerimos a leitura de: *Marx: Estatuto ontológico e resolução metodológica*. E, ainda, textos de Nicolas Tertulian. Guido Oldrini, José Paulo Netto e Sérgio Lessa.

Ao contrário do que pensa Tambosi, entendemos que o marxismo, tomado como ontologia do ser social, é ainda e de longe o melhor instrumento para interpretar o mundo atual e para orientar a sua transformação. Além disso, entendemos que, mais do que nunca, face aos terríveis dilemas que o capitalismo vem impondo à humanidade, a perspectiva da revolução (= transformação radical) e não a reforma é a saída mais adequada para a construção de uma autêntica comunidade humana. E é exatamente em função disto que o resgate do caráter radicalmente crítico do pensamento marxiano (e não o seu abandono) é uma das tarefas fundamentais.